Lição 4: Definição do Voluntário

> *Ora, sendo o involuntário aquilo que se faz por força e por ignorância, o voluntário parecerá ser aquilo cujo princípio está no próprio agente, que conhece as coisas singulares em que se dá a operação. [425]*
>
> *Pois talvez não se diga bem que sejam involuntárias as coisas que se fazem por ira ou por concupiscência. [426]*
>
> *Pois, em primeiro lugar, nenhum dos outros animais agiria voluntariamente, nem as crianças. [427]*
>
> *Em seguida, será que nada fazemos voluntariamente daquilo que se faz por concupiscência ou por ira? Ou fazemos as coisas boas voluntariamente, mas as más não voluntariamente? Mas isso é ridículo, havendo uma só causa. Ora, talvez seja inconveniente chamar involuntárias as coisas que se deve desejar. Pois é preciso irar-se em certos casos e desejar certas coisas, por exemplo, a saúde ou a instrução. [428]*
>
> *Ora, parece que as coisas involuntárias são tristes, ao passo que as que se fazem segundo a concupiscência são deleitáveis. [429]*
>
> *Além disso, em que diferem, quanto a serem voluntários, os pecados cometidos após reflexão e os cometidos por ira? Pois ambos devem ser evitados. [430]*
>
> *Ora, parece que as paixões irracionais não são menos humanas. Por isso, também o são as operações do homem que procedem da ira e da concupiscência. Assim, é inconveniente considerar estas coisas involuntárias. [431]*

425. *Ora, sendo o involuntário* etc. Depois que o Filósofo tratou do involuntário, aqui trata do voluntário.

E primeiro mostra o que é o voluntário;

segundo, exclui a respeito disso certo erro, em: ***pois talvez não se diga bem*** etc.

Quanto ao primeiro, deve-se considerar que, embora pareça que o involuntário se diz segundo a remoção do voluntário, todavia, se olharmos para as causas, algo se diz voluntário pela remoção daquilo que causa o involuntário, a saber, a violência e a ignorância; e, porque cada coisa é conhecida por sua causa, por isso ele transmite a definição do voluntário removendo as causas do involuntário. E diz que, sendo o involuntário aquilo que se faz por força imposta e por ignorância, como se disse acima, o voluntário parece ser aquilo cujo princípio está no próprio agente, e assim se exclui a violência, contanto, porém, que o próprio agente conheça as circunstâncias singulares que concorrem para a operação, e por isto se exclui a ignorância que causa o involuntário.

426. Em seguida, quando diz: ***pois talvez*** etc., exclui certo erro.

E primeiro o expõe. Alguns, com efeito, pensavam que nem tudo aquilo cujo princípio está dentro, mesmo com o conhecimento das circunstâncias, é voluntário; pode acontecer, com efeito, que aquele princípio que está dentro não seja o apetite racional que se chama vontade, do qual se denomina o voluntário, mas alguma paixão do apetite sensitivo, como a ira ou a concupiscência ou algo outro desse gênero. O que o Filósofo diz não estar bem dito. E deve-se notar que, porque as paixões do apetite sensitivo são excitadas pelas coisas exteriores apreendidas pelo sentido, este erro parece ser da mesma natureza que aquele que acima removeu, segundo o qual se dizia que as coisas exteriores impõem violência; mas aquilo devia ser dito ali, onde se tratava do violento cujo princípio está fora, ao passo que isto deve ser tratado aqui, onde se trata do voluntário cujo princípio está dentro, pois as paixões estão dentro de nós.

427. Segundo, em ***primeiramente, com efeito*** etc., refuta a mencionada opinião com cinco razões, das quais a primeira é a seguinte. Tudo o que os animais irracionais e também as crianças fazem, fazem-no segundo a paixão do apetite sensitivo, e não segundo o apetite intelectivo, porque carecem do uso da razão. Se, portanto, aquelas coisas que se fazem pela ira e pela concupiscência e pelas outras paixões do apetite sensitivo fossem involuntárias, seguir-se-ia que nem os animais irracionais nem as crianças agiriam voluntariamente. Ora, diz-se que agem voluntariamente, não porque ajam por vontade, mas porque agem por movimento próprio e espontaneamente, de tal modo que não são movidos por nada exterior; pois dizemos que é voluntário aquilo que alguém faz espontaneamente e por movimento próprio. Portanto, aquelas coisas que se fazem por causa da ira ou da concupiscência são voluntárias.

428. Põe a segunda razão em ***depois, se nada*** etc. Ela é a seguinte. Se aquelas coisas que se fazem por causa da ira ou da concupiscência não são voluntárias, ou isto é universalmente verdadeiro, ou é verdadeiro nas más ações, mas não nas boas, de modo que, a saber, as boas ações que alguém faz por paixão as faça voluntariamente, mas as más não voluntariamente; o que talvez dissessem por isto: que as boas ações concordam com a razão, à qual as más se contrariam, e a vontade está na razão. Mas este segundo caso parece ser ridículo, visto que há uma só causa de tudo o que o homem faz, sejam boas sejam más ações, a saber, a vontade; pois, por mais que cresça a ira ou a concupiscência, o homem não se lança a agir a não ser que sobrevenha o consentimento do apetite racional. Do mesmo modo, também parece inconveniente o primeiro caso, a saber, que alguém diga não serem voluntárias as boas ações, que é preciso apetecer mesmo segundo a paixão; pois àquilo que é preciso apetecer a razão induz por meio da vontade. Ora, é preciso irar-se em certos casos, como para reprimir os pecados, e do mesmo modo é preciso desejar certas coisas, como a saúde ou a instrução. Resta, portanto, ser falso que aquelas coisas

que se fazem por causa da paixão não sejam voluntárias.

429. Põe a terceira razão em ***ora, parecem involuntárias*** etc. Ela é a seguinte. As coisas involuntárias são acompanhadas de tristeza. Mas aquelas que se fazem segundo a concupiscência fazem-se com deleite. Portanto, não são involuntárias.

430. Põe a quarta razão em ***além disso, em que diferem*** etc. Ela é a seguinte. Como acima se estabeleceu, os pecados que são voluntários são censuráveis e devem ser evitados, o que não se pode dizer dos involuntários, porque nem o homem pode evitá-los nem por causa deles é censurado. Mas, assim como os pecados que se cometem segundo a reflexão, isto é, por deliberação, devem ser evitados e são censuráveis, assim também os pecados que se cometem por causa da ira ou de outra paixão; pois o homem pode, por meio da vontade, resistir à paixão, donde, se por causa da paixão faz algo torpe, é censurado. Portanto, aquelas coisas que se fazem por paixão não diferem daquelas que se fazem por deliberação quanto a serem voluntárias.

431. Põe a quinta razão em ***ora, parecem*** etc. Ela é a seguinte. As paixões irracionais, isto é, do apetite sensitivo, parecem ser humanas, enquanto, a saber, o apetite sensitivo pode obedecer à razão, como acima se disse; portanto, também as operações que procedem da ira e da concupiscência e das outras paixões são humanas. Mas nenhuma operação involuntária é humana; pois não se atribuem ao homem as coisas que ele opera involuntariamente, nem para louvor nem para censura. É inconveniente, portanto, dizer que aquelas coisas que se fazem por paixão sejam involuntárias.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:04:59 by Admin
Updated 15 October 2026 22:56:53 by Admin